

# Aquela moda recente

por ANTÓNIO MARINHO DIAS

A segunda natureza que é o hábito—de tão fino encanto ou omnipotência... ou de tão abusiva aplicação que fundamenta crenças religiosas e ajuda Marañon a justificar o matrimónio sem o essencial «sincronismo de instintos»—aqui me trouxe, sob a forma de hábito forçado, a versar apenas uma pequenina questão literária.

Nós sabemos, de resto, que as iniciativas do espírito são, entre nós, com raras excepções, exclusivamente artísticas—de uma exclusividade tão aflitiva, de uma arte tão exclusivamente válida por si só que, se não nos admira o prego que disso se lança, nos maravilha a correspondência convicta d'ele com a realização.

Digamo-lo já, claramente: nós não queremos obrigar ninguém—maldita para sempre a coerção!—a ter as nossas preocupações, ou as que nós julgamos ser as preocupações gritantes, prementes, fatais da actualidade. Estranhámos apenas que alguns nossos reais valores novos se friturem em realizações artísticas de feroz egocentrismo, em oposição até, parece-nos, com a sua própria noção de arte, visto revelarem já intenção ou finalidade (no objectivo que designam à arte: a análise psicológica).

Tanto mais que a arte não morreria com a passagem das preocupações de ordem particular para as de ordem geral, das individuais para as sociais ou das individuais para as universais. José Régio tenta uma fuga para o universal através do individual numa página de «O Jogo da Cabra Cega». E o mesmo José Régio, dos mais inteligentes dentre todos os da geração dos 30, o tem dito por vezes, e uma vez desta maneira: «a arte reflectirá todas as tendências da época e todas as formas de actividade do homem.—mas com a liberdade que lhe é essencial e em virtude de imperativos interiores, não em virtude de exigências, reclamações, ameaças ou ataques que nada podem contra ela».

E' só lamentável que Régio (e quando digo Régio poderia dizer mais dois ou três modernistas) seja cânone, quando devia ser, como quere ser, um caso individual, uma personalidade (não ligo a esta palavra, claro, um sentido conse-

lheiral). Mas talvez precisamente por ser uma personalidade vincada e por isso suggestiva e aliciadora, alguns dos seus seguidores, ou algum seu companheiro inicial, são-no com inconsciência da sua verdadeira índole ou numa atitude calculadamente pensada, e por isso com insinceridade (grave pecado em quem prega a sinceridade), revelada, por exemplo, em ensaios de conclusão preconcebida e de conteúdo artificial e incoerente (vidê mesmo alguns de João Gaspar Simões).

Mas vamos à pequenina questão.

Robert de Traz denunciou, em artigo há anos publicado nas «Nouvelles Littéraires», aquela «moda recente» de alguns romancistas novos usarem com pródiga largueza nas suas obras palavras grosseiras e obscenas, «de façon à faire rougir un singe».

Notemos desde já que não consome Robert de Traz, no artigo referido, o fogo sarto da moralização. Pensa certamente com Benda e com Renouvier, por êste citado, que a literatura (como a arte em geral e como a ciência) não é por essência moral nem imoral, nem é moralizadora. Escreveu Benda: «O método científico, se com esta expressão se designa a aplicação do espírito a observar factos e a procurar causas, parece-me que não tem nenhuma competência para criar justiça no mundo, pela razão de que esta criação tem sido sempre, e não poderia ser senão o efeito de uma vontade moral, quere dizer, de uma coisa que nada tem de científico». E Renouvier: «A ciência pura tem com a arte isto de comum: que a procura directa do bem deve permanecer-lhe estranha».

Poderíamos ainda aflorar outra prevenção: é que não sabemos até onde vão, para Robert de Traz, os conceitos de grossaria e obscenidade. Mas julgamos que, para qualquer critério da gente polida, nessas categorias serão compreendidas algumas palavras usadas, que nos recorde de ocasião, nos romances portugueses «Eloí» e «O Jogo da Cabra Cega». E isto justificará o nosso propósito de trazer a

questão para um jornal português.

Que nos diz o crítico francês?

Procura explicar, condenando-o a cada explicação tentada, o uso de tais palavras. Porque as usam tão generalizadamente os romancistas modernos?

Talvez porque, escandalizando, divertem-se. Acontece, porém, que muitos—pobres d'elles! são por natureza sérios e até mesmo tristes.

Por outro lado, poderíamos dizer: o gosto do escândalo visa apenas uma finalidade prática, muito terra-a-terra: a venda dos livros. E Robert de Traz aduz a influência que em muitos moços terão exercido os exemplos de «Lady Chatterley's Lover» e «Voyage au bout de la nuit». Porque não fazer como Lawrence e Céline?

Mas se nenhuma destas explicações servir, tentemos ensaiar outras. Talvez os romancistas usem palavras obscenas, para serem mais verdadeiros. Ou então para tornarem a impressão mais intensa.

Para serem verdadeiros... Mas a verdade é que as pessoas não passam a vida a pensar e a falar grosseiramente, nem sofrem de obsessão das suas preocupações sexuais. Além disso—acrescenta R. de Traz—nós sabemos que algumas palavras ditas não têm um carácter tão provocante como escritas. Nisto, como em tudo, «a arte literária exige, para ser verdadeira, não uma cópia mas uma transposição».

Quanto a intensidade... Sem dúvida, é de todas as escolas literárias a preocupação de encontrar «um poder de percussão, fazendo apêlo a palavras inéditas ou rejeitadas». Mas se há termos desprovidos de poder evocador, êsses são, sobretudo pela sua repetição mecânica, os termos obscenos.

E aqui terminam as explicações e reservas do crítico francês.

Não tentou Robert de Traz explicar o fenómeno por outro lado ainda. Há séculos já (entre nós talvez desde o admirável Gil Vicente, em Franca com a tão citada e fugaz excensão de Vitor Hugo) que os grandes escritores perseveram numa polidez

apta a provocar inveja à própria M.<sup>me</sup> de Gencé. Não é bem natural que êste recalçamento de tão longos anos viesse a desenvolver-se, a primeira explosão dada, numa superabundância gritante?

De qualquer maneira que isto seja, as explicações de R. de Traz têm certa medida de aceitação, e as suas reservas tomamo-las como sensatas. Certamente: o abuso insofrido e o prolongamento monótono e enervante de modas, fatigam. Mas, na condenação de Robert de Traz, aquêles que nós designariamos por satélites ou continuadores «menores»: êsses, sendo tristes e sérios, tentam penosamente engendrar escândalo, e são ridiculos; tendo a técnica do descritivo, espírito objectivista, capacidade de construção romanesca e sendo péssimos psicólogos, procuram fazer romances psicológicos e falham (a «crítica», entre nós compreendendo o sr. Tomaz Ribeiro Colaço, diz que não); e quasi sempre propensos ao exagêro dos defeitos do mestre, traem-lhe a obra ou o método.

Porém, porque não escandalizar, viril e frescamente, se o escândalo mata o academismo de uma literatura de espectros, ou irrita o acacianismo de um leitor pudibundo e traste?

E quando é um Lawrence que escreve, não o podemos acusar de menos verdadeiro, sejam quais forem as expressões usadas; ou de falta de intensidade ou de «poder de percussão», como diz R. de Traz. São plenas de verdade, de intensidade, de virulência, as páginas de «Lady Chatterley's Lover» que conduzem à síntese humaníssima da generalização do «contacto»; e ao fim de tudo harmónicas e de humana pureza, mesmo aquelas onde se encontram expressões como «vous avez le plus bel cul de femme», que não sei se farão côrar os macacos franceses.

Robert de Traz é razoável (de raciocínio e de sensibilidade) condenando a generalização abusiva e insincera dessa «moda recente». Mas não atinge, pese embora a muitas palavras e a muitos leitores, os verdadeiros artistas.